

Reinvenção dos Afetos e Novas Representações do Sujeito nos Grupos de WhatsApp¹

Arlete NERY²
IBICT/UFRJ-ECO – Rio de Janeiro - RJ

Resumo

O presente trabalho se propõe analisar os novos protocolos sociais e revisar os comportamentos individuais a partir do contexto de grupos do aplicativo WhatsApp. Em especial, pretende apresentar as novas formas de criar referenciais simbólicos, como a reputação e a credibilidade que, ao mesmo tempo que se sustentam nos mesmos entendimentos de saber/conhecer, moldam-se a diferentes critérios de pertencimento de grupo, atendendo às demandas de convivialidade nas redes sociais digitais. E chegam, neste processo, a demarcar modelos alternativos de sentimentos e afetos.

Palavras-chave

Afetos, Linguagem, Significações, Poder, Contemporaneidade.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

O presente trabalho é parte da minha pesquisa de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/ECO-UFRJ, de título Reinvenção dos Afetos e Novas Representações do Sujeito – Estudo das Desavenças Familiares nos Grupos de WhatsApp no Contexto das Eleições de 2018. O corte proposto para apresentação no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação trará a reflexão de alguns autores sobre a questão do convívio em rede e o novo modelo comunicacional inaugurado pelos

¹ Trabalho apresentado ao GP Estudos Interdisciplinares da Comunicação, GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação IBICT/UFRJ-ECO arletenery@gmail.com

produtos das NTIC's. Esse novo modelo, ao mesmo tempo que potencializa a individualização da sociedade, parece buscar alternativas para o convívio em grupo que dê conta da demanda da urgência, do protocolo de sucesso, e da boa reputação informacional (é preciso estar sempre muito bem informado, e chegar primeiro com a informação). Está sendo apresentado à divisão temática de estudos interdisciplinares da comunicação por sua aderência ao campo da semiótica, um vez que observa e analisa a questão das ressignificações do e para o sujeito no contexto das redes sociais digitais, a partir dos novos modelos comunicacionais que se firmam em nosso tempo. A metodologia que vem sendo utilizada para coleta dos dados que serão utilizadas faz uso da aplicação de entrevistas pessoais que utilizam a Técnica de Incidentes Críticos, lançando ao entrevistado o relato de fatos semelhantes ao que se pretende investigar, e estimulando o relato pessoal do mesmo. Espera-se, assim, obter nas narrativas experiências semelhantes, no mesmo contexto, e dali se extrair os sentimentos vivenciados em cada uma dessas experiências. Através da reflexão embasada na bibliografia levantada na pesquisa, pretende-se compreender melhor como e por que ocorrem, de maneira tão contundente, os conflitos nos grupos de WhatsApp, quais as motivações para os debates, e que efeitos esses conflitos têm causado na convivência presencial dos integrantes do grupo.

O WhatsApp Como Produto Midiático

Há cerca de sete anos, o aplicativo WhatsApp se popularizava, e entrava na vida de grande parte dos indivíduos. Desde então, vem inaugurando modelos de convivialidade em rede, que, por sua vez, apresentam novas formas de convivência íntima. Logo após seu lançamento, ferramentas internas para uso do aplicativo otimizaram ainda mais a forma de se trocar mensagens, e trouxeram uma proposta de comunicação onde elementos periféricos importantes no processo cognitivo da mensagem, como olfato e visão, estão ausentes, o que criou uma esfera de novas significações. Obviamente, um modelo desatrelado da totalidade dos sentidos não é uma novidade para a sociedade. Mas acaba por demandar o surgimento de novos recursos para dar conta de cumprir o fluxo informacional/comunicacional desejado. Sodré destaca que a transição tecnológica que experimentamos neste início de século, acaba por encontrar esses substitutos para produtos como o WhatsApp, e eles até

potencializam a capacidade biosmidiática³ neste aplicativo. Há neste contexto a prática do que o autor chama de Êxtase Midiático, capaz de captar a energia sensitiva através do afeto. (SODRÉ, 2006)

A ferramenta de grupos é totalmente suscetível a este efeito trazido por Sodré, mas com diferenças peculiares que conflitam com sua função inicial de otimizar o fluxo de informações. O grupo acaba se definindo como um local virtual de encontros, mas sem hora de chegada, ou de saída, e, muitas vezes, sem um motivo real para seus participantes estarem reunidos. Entrevistas realizadas pela presente pesquisa têm dado conta de que é pelo grupo de WhatsApp que se tem notícia do sucesso individual de cada um (pouco se fala do fracasso), e, em primeira mão, se recebe diversos tipos de informações, que logo se convertem em notícia de interesse público, sem grande preocupação de checagem. Isso porque o que interessa é chegar primeiro, e não checar primeiro. Assim, novos protocolos de interação acabaram sendo criados, propiciando uma alteração no modelo de interpretação da informação, deixando um vácuo crítico que só faz aumentar a temperatura das recepções - seja no sentido empático como no antipático - daquilo que de fato se quer comunicar. Isso tudo acontecendo numa reunião permanente, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Redes Sociais e Comunidades de Afetos

Ao se falar em Redes Sociais é comum fazer-se referência apenas às Redes Sociais Digitais. Marteleto salienta, entretanto, que redes de conexões são algo tão antigo quanto a própria humanidade, e lembra que, nos primeiros registros de estudos sobre este campo, era frequente o uso do termo de forma metafórica, não estabelecendo relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem (MARTELETO, 2009).

A popularização do termo veio na segunda metade do século XX, e assumiu grandes proporções na sociologia. Havia neste tempo a necessidade social de unir-se em grupos, sejam eles de ação, de classe, ou de entendimentos, evitando assim o isolacionismo, que, em tempos de traumas pós-guerra, tornou-se uma preocupação coletiva constante (FIALHO, 2008). E como terminologia das ciências, acabou

³O conceito de biosmidiático será melhor detalhado mais a frente neste mesmo artigo.

promovendo o estudo de dualidades como indivíduo/sociedade, ator/estrutura, subjetividade/objetividade. Enfoques micro e macro da realidade social.

Entretanto, só no início do século XXI foi que o termo Rede Social entrou no espectro do aparato tecnológico, virando a própria significação de representação humana em grupo. Primeiro com redes como o Facebook, e depois com outras, como o WhatsApp, que em princípio era apenas uma aplicativo de troca de mensagens, mas que através dos grupos se firmou numa espécie de subcategoria de rede social digital. Dentro dessa perspectiva, a função social de um grupo, como os que reúnem famílias, acabou ganhando notoriedade. O grupo pode, por exemplo, servir como “vitrine do sucesso”. Numa sociedade baseada no binarismo vencedores e perdedores, riqueza e sucesso precisam ser expostos. Antes, a foto na carteira, as flores na porta, o carro novo cumpriam um pouco esta função. Hoje, com novos recursos tecnológicos que se tem à disposição, a circulação da informação do sucesso se dá de forma muito mais eficiente, rápida e abrangente. E junto com o pacote do sucesso vem a boa influência e o exemplo a ser seguido.

Midiatização e Novos Afetos

Sodré entende como processo de Midiatização ações nas quais um veículo torna-se capaz de gerir sentimentos, emoções e afetos dentro de uma comunidade, a ponto de alterar os comportamentos a partir de sua capacidade de produzir emoções na vida social (SODRE, 2006). E isso passa não só pela gestão dos relacionamentos vigentes, mas também por um novo reconhecimento do que é relacionamento.

Num passado recente, relacionar-se implicava estar diretamente conectado a pessoas, em um território físico delimitado. Mas a dinâmica da vida foi alterando as relações e enfraquecendo os laços sociais. Um reflexo do que Bauman chamou de modernidade líquida, e que faz parte do conjunto de relações e instituições que dão base à contemporaneidade (BAUMAN, 1997). Nestes tempos, os relacionamentos também são voláteis, incertos e inseguros. O mesmo tempo do protagonismo das redes sociais como Facebook e aplicativos como o WhatsApp, que forneceram uma nova forma de fixar vínculos afetivos e, conseqüentemente, criaram uma intimidade superficial, mas parecida com a que promove os conflitos naturais em qualquer ambiente onde existam pessoas. Ainda que recheada de conflitos, as relações via grupos de WhatsApp

encontram sustentação para a contração de um canal de felicidade ou mesmo válvula de escape. O celular, como mídia, alicerça o discurso desses grupos, e é determinante para a reconfiguração dos cenários dos encontros. Ele possibilita um local estendido, dependente apenas das conexões de internet. Diferente do computador, e semelhante à TV, o celular é uma mídia que permite uma extensão territorial e corpórea, possibilitando uma experiência multissensorial. Neste contexto, o conceito de biosmiático de Sodré, idealizado com vistas à TV, muito se adere ao celular. Para Sodré, a televisão cria um ambiente simulativo, uma outra realidade onde o indivíduo imerge (SODRÉ, 2001). Ora, o celular, ou mais especificamente o WhatsApp, mas não somente ele, parece sugar as pessoas para dentro da tela, para uma vida extracorpórea, uma espécie de êxtase tecnológico. Nesse universo, tempo e consciência são elementos secundários, e a própria vida não virtual, com seus eventuais contratemplos, parece não ser tão interessante quanto uma realidade paralela que, se não garante a felicidade, pelo menos é uma via segura de contestações e livre trânsito de opiniões. É possível que, se se tratasse de outra mídia, com recursos diferentes e possibilidades ainda não imaginadas, os rumos comportamentais pudessem ser outros, ainda mais revolucionários talvez no que diz respeito a relacionamentos.

No caso do fenômeno comunicacional dos grupos de WhatsApp, há três elementos fundamentais da análise: o sujeito integrante do grupo, o próprio grupo e o smartfone:

1 – O sujeito: O sujeito se apresenta de forma peculiar como persona nesse discurso. O conceito de persona advém do teatro grego, da máscara usada pelo ator para encarnar o personagem representado por ele. O discurso da persona é o discurso do faz de conta, facilmente aceito e assimilado pelo receptor no contexto teatral. Pessoa e persona, portanto, não são a mesma coisa. A primeira está oculta dentro de camadas de individualidade (personalidade), enquanto a segunda se apresenta para a inspeção pública. Pessoa é sujeito, Persona é o que ele representa ou deseja ser (HALLIDAY, 1996). Ora, quando a persona vem para o mundo real, e é aceita como verdadeira, ela está resguardada pelos códigos sociais estabelecidos pelo grupo onde se está. É uma realidade conveniente, combinada, imaginada. O aplicativo torna-se palco e o sujeito torna-se personagem.

2 – O grupo: O grupo é a companhia que se estabelece diante deste sujeito. Nele, cada um desempenha um papel individual, que pode variar em diferentes contextos retóricos. As vozes desse discurso se alternam conforme a conveniência, assumindo o papel de formadora de opinião, ouvinte ou base de eloquência para um ou outro.

3 – O smartfone: O smartfone goza de um protagonismo inconveniente na vida individual e coletiva na contemporaneidade. A sofisticação tecnológica do aparelho de smartfone utilizado pelos integrantes do grupo, bem como sua capacidade de conexão, dará suporte às personas do grupo, definindo para eles um potencial formador de opinião que estará diretamente ligado à sua capacidade de conexão e peculiaridades tecnológicas. Assim, alguém que está conectado durante todo o dia, com todos os recursos de hard e software em pleno funcionamento, responderá mais rápido às questões do grupo do que aqueles que só tem internet quando estão em casa, e por isso não conseguem acompanhar os debates. A questão econômica será, portanto, bastante relevante na disputa pelo poder de fala.

Em geral, os grupos de afeto (amigos do trabalho, amigos da escola, família, etc) de WhatsApp são reuniões nas quais não há moderador, todos são administradores. A horizontalidade do poder, entretanto, é apenas retórica, cada um, individualmente, deseja maior destaque. As disputas da última palavra, ou do poder de fala, transita pelos três elementos citados anteriormente (sujeito, grupo, smartfone), e será maior ou menor conforme a representação momentânea, a frequência e as condições financeiras de prover mais ou menos recursos tecnológicos.

Outras variantes transitam entre esses três elementos: os ausentes, os omissos, as representações simbólicas através das imagens de perfil dos integrantes e do próprio grupo. Os dominantes, os dominados, os falastrões, os inconvenientes, os silenciosos. Cada uma das informações diz algo sobre todos. E interfere nas próprias significações e ressignificações do grupo. Uma diversidade de perfis que, em nome da união pelo afeto, estabelece uma dinâmica peculiar de circulação de informação, jogos de saberes e poderes.

Neste cenário de grande exposição, o desgaste emocional é sempre imenso. As relações, ainda que voláteis, são necessárias. Passar por construções e desconstruções contínuas só valem a pena se estiver em jogo aquilo que todo ser humano sonha: o destaque, o reconhecimento, o poder. Mantêm-se, assim, um cenário de microesferas de

poderes claramente manifestados e copiados da vida presencial, que acontecem desde a dominação da mãe pelo filho, nos discursos do tipo “Quero porque quero”, até a dominação de um elemento sobre todo o grupo, através de articulações discursivas mais sofisticadas, num mesmo processo micro de produção de verdades, bem descrito por Foucault ao tratar da microfísica do poder (FOUCAULT, 1989). Nas redes, o palco perfeito, essas verdades encontram terreno fértil para que o poder não só se represente, mas sobretudo seja disputado, mesmo que sob elementos frágeis, como a palavra definitiva do especialista presente no grupo para encerrar um debate, ou a voz de quem fala em nome de algo supostamente inquestionável, como Deus.

Nesse panorama de disputas, o ganha ou perde não significa necessariamente a obtenção de benefícios visíveis, mas contribuem para ressignificações de papéis no próprio cenário das redes, dando destaque aos sujeitos. Para a pesquisadora de Redes Digitais Raquel Recuero, três elementos são considerados no reconhecimento do sujeito no espaço das redes: a Reputação, a Popularidade e a Autoridade. Para Recuero, Reputação compreende a percepção construída de alguém pelos demais atores; Popularidade é o valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social; e Autoridade é o poder de influência de um nó na rede social (RECUERO, 2009). Esses benefícios podem ser o legado individual para apenas alguns membros do grupo, e fortalecem o sujeito tanto no presente deste grupo, como em futuras oportunidades interacionais. Por exemplo, mandar uma notícia falsa sobre determinado candidato num grupo e ser desmascarado pode dar razão sobre o tema política a quem desmascarou, conferindo a este indivíduo Reputação, Popularidade e Autoridade diante das questões diversas no grupo, que se traduzem em Credibilidade. Em debates futuros, o membro portador destes três benefícios, certamente, terá mais chance de ser ouvido e de exercer esta credibilidade diante dos demais. E ter esse reconhecimento por parte dos pares pode ser um excelente legado.

Conhecimento, Afetos e Novos Sujeitos

No tempo da Desinformação estamos testemunhando um frequente embate pela comprovação do conhecimento nas redes. Muitas das desavenças vêm justamente dessas pequenas pelepas, como as que ocorrem nos grupos de WhatsApp, e que chegam a afetar unidades sociais supostamente sólidas, como as configurações familiares. O valoroso

processo evolutivo de aceitação da diversidade, dos modelos saudáveis de relacionamentos e de convivialidade diversa conquistados ao longo deste tempo é algo que vem incomodando estruturas mais tradicionais de convívio. Isto passa por diversos setores sociais, como a política, a religião, a questão migratória, o entendimento sobre as fases da vida, os modelos de trabalho e de produção, entre tantos outros. Uma confusão do que são os valores mais caros tanto para o grupo, quanto para os sujeitos isoladamente. Mas se há o debate, ele se vale mais da forma geralmente visceral com que se dá, do que necessariamente pelo debate de ideias, o que em geral faz com que um grupo de WhatsApp possa vir a transformar-se num ringue de vale-tudo.

A autoridade que o ambiente virtual, de forma geral, outorga, possivelmente, vem de uma falta de rosto que deixa o indivíduo mais à vontade para se expor. Sempre que há a possibilidade de exposição de um saber pessoal, ganha-se status, notoriedade e poder. Chegar primeiro com a informação é a grande questão, e para isso não há tempo de checar o que se está certo ou errado, o que é verdade ou não verdade. Conhecimento é poder, é o que se diz. E no caminho inverso de buscar o conhecimento para exercer o poder, o que se tem feito é fundamentar um saber para transformá-lo em conhecimento, ainda que não seja real, e, aí sim, exercer o poder.

A legitimidade e a validade do Conhecimento foram delegadas ao campo científico, que estabeleceu novas configurações e modelos de produção de verdade. Mas esse novo sistema teve um percurso construtivo passando também pelo destrato com outras formas de saberes, como o conteúdo e transmissão da linguagem oral, a memória social e os saberes locais. Nessa busca por uma verdade legitimada, reconfigurada, coloca-se em jogo até mesmo os laços afetivos. A frieza das trocas comunicacionais instantâneas estimulam bastante a indiferença com os efeitos emocionais secundários das mensagens enviadas. Ainda mais, pode ser até mesmo um trunfo para afetar sentimentalmente quem a recebe. A instantaneidade, que sabota o tempo de reflexão para a troca, sabota o fluxo, e potencializa os desentendimentos.

Se analisarmos a tratativa do afeto através das mídias, veremos uma transformação do próprio afeto. No passado, muitos apaixonados quando iriam enviar uma carta, a perfumavam, ofertando ao receptor a oportunidade de ativar seus bons sentimentos. Uma carta que se pode tocar, que se pode sentir o cheiro, é uma extensão do próprio emissor. Certifica a própria existência física do ser que a enviou. Com o

passar do tempo, as mídias de comunicação direta tornaram-se cada vez mais distantes, e a relação emissor-receptor foi sendo ressignificada. O filósofo coreano Byung-Chul Han vem desenvolvendo um importante trabalho de observação, análise e descrição sobre a forma como a sociedade vem organizando seus sentimentos num contexto midiático frenético. Há novas condutas, novas percepções e novas sensibilidades. E é difícil usufruir dos efeitos da tecnologia sem perder de vista o deslumbre que ela causa.

Um desses efeitos é a perda da ideia de Respeito. Do latim *respectus*, a palavra significa considerar, dar atenção a quem está atrás. Para ver o que vem atrás será necessária certa distância, e nas tecnologias carecemos do efeito de distância. Quando tudo está próximo, cria-se a sensação de intimidade. Cria-se uma comunidade de expectadores, uma sociedade da fofoca e do escândalo. Ao mesmo tempo, a comunicação digital distancia a mensagem do mensageiro. O mensageiro torna-se um ser anônimo, sem rosto, sem possibilidade de ativação de outros sentidos ligados à emoção, como o olfato, por exemplo. Mesmo o recurso de voz do WhatsApp muitas vezes acaba esvaziando o sentido da mensagem, pois está sempre a mercê do estado de espírito do receptor, e falta o olhar para endossar a fala. Sem o olhar, sem o cheiro, é fácil uma simples mensagem de amor ganhar contornos de insegurança, cobrança, entre outras. O imediatismo da resposta também é outro elemento passível de distorção. Não se dá muito tempo para digerir, pensar no que se quis dizer. Ambos os lados querem dar e receber respostas prontas e imediatas, e na pressa o risco de má interpretação é iminente.

Hoje, em Grupos de WhatsApp, as funções de emissor e receptor se dão ao mesmo tempo, e há um poder transitório entre esses dois papéis, que quer fazer sentir sua presença. Mas neste circuito, o poder torna-se vulnerável, vazio. É uma ação de poder que convive com um tempo no qual deve-se ter transparência, comunicação aberta, informação acessível. Um contexto que desfavorece o controle do poder sobre todas as coisas, fazendo com que ele ative a indignação. É um tipo de indignação que em certas circunstâncias, se une, se aglutina, mas não é suficiente para gerar ação pública. Sem distâncias, com espaço mais para um pleito individual do que coletivo, a indignação é mais pessoal do que social. Ela fica apenas no nível emocional, sem passar pela ação transformadora. É esse cenário que mais fomenta o ódio.

Han chega a fazer uma comparação entre indignação e ira. A ira chega a mobilizar as massas, ela é vivificante, chegando até a levar a ações de heroísmo. Mas para Han, hoje não há mais massas, apenas colmeias e enxames. Numa colmeia, cada abelha está só em seu cubículo, ilhada em si mesmo, sem voz. Não existe nós. Apenas quando ameaçadas as abelhas saem em bando, para picar e proteger a colmeia. É a ação do enxame. Um fenômeno que promove a reação do grupo quando muitos ameaçam a estabilidade, e o domínio, de poucos. No enxame, esse sujeito, só e sem alma, se expõe porque se sensibiliza com o perigo imediato. Não há engajamento da colmeia, apenas a indignação do senso comum. A indignação circula pela rede causando um tornado que se transforma em outros maus sentimentos. Ela não produz trocas, não é política. É extremamente personalizada, e por isso atinge diretamente a quem está próximo.

Na atualidade, nós somos nossas próprias audiências. Falamos para os iguais, e queremos ouvir dos iguais. O diverso não é apreciado e o eterno desejo é de que todos se igualem em modos, ações, pensamentos e aparências. É o ápice da padronização social. Somos iconoclastas, e acabamos hoje por nos tornar ícones de nós mesmos. Ícones perfeitos, belos, jovens. A exaustão a esse modelo é inevitável e espera-se que a curva agora tenda a tomar uma trajetória decadente.

As pessoas que estão nos grupos de WhatsApp são diretamente impactadas por esses novos modelos de afeto que ditam a forma como devem se comportar socialmente. Um tempo de muitos registros e de pouca memória. Registramos tudo, mas não visitamos nossos registros, não há lembrança. Não se visitam nem mesmo os conhecimentos. O velho livro de receita da vovó fica trancado na estante. Se acontecer de alguém pedir uma receita em um grupo qualquer, rapidamente, alguém localiza a receita na internet e faz-se o que se quer.

Vê-se então, como exemplo, a família sendo um desses grupos que força um pouco o reconhecimento da necessidade desses protocolos de memória para manter viva sua própria história, seja no contexto do grupo ou na história individual de cada um de seus componentes. Ainda que ameaçada por questões alheias à sua própria existência, a família pode ativar um viés de crítica à intoxicação informacional a que hoje a sociedade se expõe. Seja de forma a reinterpretar seus conteúdos afetivos, ou mesmo no esforço para resgatá-los e preservá-los. Todo esforço porém de preservar a memória e, por consequência, a própria existência do grupo, pode vir por água abaixo no momento

que surgir uma desavença. Perde-se, então, a oportunidade de fortalecimento do grupo. É dicotômica a questão de que, ao mesmo tempo que estabelece a união do grupo, a ferramenta do WhatsApp pode deflagrar conflitos. Lembrando que o exemplo citado, a família, trata-se, em geral, de uma rede de nós sólidos.

Afinal, conseguiremos um dia uma fórmula para se viver bem em rede?

Considerações Finais

Em entrevista ao jornal El País, Jürgen Habermas lembrou que desde a invenção do livro impresso, que transformou todas as pessoas em leitores potenciais, foi preciso passar séculos até que toda a população aprendesse a ler. A Internet e seus aplicativos e redes nos transformou em autores potenciais, e ela não tem mais do que duas décadas. É possível, portanto, que, com o tempo, aprendamos a lidar com as redes sociais digitais de forma civilizada. O processo de transformação individual e social promovido pela experiência em rede dos últimos anos deve ser uma das características relevantes das próximas décadas. Mas, se o século XXI vem marcando a humanidade por uma descaracterização da estrutura sensorial humana, tem também sido um tempo no qual homens e mulheres, cada indivíduo em particular, tem achado seu lugar no mundo. Um caminho onde o poder verticalizado sede lugar para uma horizontalidade mais conveniente à convivência.

Apesar dos males da individualização da sociedade, e do efeito de enxame tão bem pontuado por Han, há autores que certificam o século XXI como um ponto de transição, e que inclusive a lógica individualista do Eu fechado sobre si mesmo vive seu ocaso. Michel Maffesoli é um desses autores. O sociólogo francês afirma que estaríamos caminhando em direção a um mundo no qual assistiremos à substituição de um ser social racionalizado por uma sociedade com dominante empática. Neste contexto, os grupamentos sociais valorizarão muito mais a união por afinidades do que por conveniência. Se esse tempo de fato chegar, esperamos que encontre ferramentas tecnológicas que sustentem mais a harmonia do que a desavença.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BEZERRA, A. CAPURRO, R. SCHNEIDER, M. **Regimes de Verdade e Poder: dos tempos modernos à era digital**. In Link em Revista. Rio de Janeiro, v.13. n.2, 2017.

BOTH, E. **Família e Rede Social – Papeis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, P. **Sobre o Poder Simbólico**. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FIALHO, Joaquim. **Nós e Os Outros - análise das redes sociais**, in: Actas das VIII Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, Évora. Universidade de Évora, 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Paris. editora Gallimard. 1971

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **O Microfísica do Poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **O Sujeito e o Poder**. In: Foucault, M. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Coleção Ditos e Escritos v. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014

HALLIDAY, T.L. **Vozes do Discurso – O conceito de persona em teoria da comunicação**. In Revista Comunicação e Sociedade. V 26. p 106. Editora IMS. São Bernardo do Campo, SP.1996.

HAN, B.C. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ. Ed Vozes. 2018.

_____. **O que é poder**. Petrópolis, RJ. Ed Vozes. 2019.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ. Ed Vozes. 2010.

_____. **Sociedade da Transparência**, Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2018.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PAIVA, R. **O Espírito Comum – comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1988.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SODRÉ M. **A Ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006.